**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. Gota D'Água. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira Ed., 1982, p.160.

JOANA

Tudo está na natureza
encadeado e em movimento –
cuspe, veneno, tristeza,
carne, moinho, lamento,
ódio, dor, cebola e coentro,
gordura, sangue, frieza,
isso tudo está no centro
de uma mesma e estranha mesa
Misture cada elemento –
uma pitada de dor,
uma colher de fomento,
uma gota de terror
O suco dos sentimentos,
raiva, medo ou desamor,
produz novos condimentos,
lágrima, pus e suor
Mas, inverta o segmento,
intensifique a mistura,
temperódio, lagrimento,
sangalho com tristezura,
carnento, venemoinho,
remexa tudo por dentro,
passe tudo no moinho,
moa a carne, sangre o coentro,
chore e envenene a gordura
Você terá um ungüento,
uma baba, grossa e escura,
essência do meu tormento
e molho de uma fritura
de paladar violento
que, engolindo, a criatura
repara o meu sofrimento
co'a morte, lenta e segura

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. Gota D'Água. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira Ed., 1982, p.161.

JOANA

(*Vestindo os filhos*)
Eles pensam que a maré vai mas nunca volta
Até agora eles estavam comandando
o meu destino e eu fui, fui, fui, fui recuando,
recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta
e tão forte quanto eles me imaginam fraca
Quando eles virem invertida a correnteza,
quero saber se eles resistem à surpresa,
quero ver como eles reagem à ressaca (*Tempo*)
Meus filhos, vocês vão lá na solenidade,
digam à moça que a mamãe está contente
tanto assim que lhe preparou este presente
pra que ela prove como prova de amizade
Beijem seu pai, lhe desejem felicidade
co'a moça e voltem correndo, que eu e vocês
também vamos comemorar, sós, só nós três,
vamos mastigar um naco de eternidade
(*Entrega o pacote; grita*)
Corina, Corina...(Corina aparece vestida para o *casamento*)
Vem cá, pode levar
os meninos à festa...

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. Gota D'Água. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira Ed., 1982, p.165 e 166.

JOANA

Tá bem, mulher...
Tá bem... Mas agora me deixa só
(*Corina sai; recomeça a desfazer o pacote*)
Meu senhor, olhe pra mim, tenha dó,
Pai, por que, meu Pai? Você não deixou?
Como foi que o Creonte farejou,
meu Ganga? Responde, aponta uma estrada
Pra quem padece como eu não há nada
que ajude mais do que o padecimento
de quem me oprime. Foi só um momento
de alívio que eu pedi. Não pode ser?
É possível que o Pai quis proteger
Jasão, que larga os filhos nas esquinas
e que se entrega ao canto das ondinas?
Quis defender Creonte, esse ladrão
do rosto humano e a cauda de escorpião?
É justo conservar esse homem vivo?
E a filha, que mantém Jasão cativo
transformando em porcos os seus amigos?
Xangô, meu Pai, salvou meus inimigos
por que motivo? De que serve a vida
deles? Eu tenho que sair ferida,
abandonada, doida, sem abrigo
Não, não pode fazer isso comigo,
meu Ganga. Não, não pode ser. Você
quer eles vivos para que? Por que?
Meu Ganga, meu Pai Xangô, o senhor
quer dizer que há sofrimento maior
do que morrer com veneno cortando
as entranhas...escorrendo, arruinando,
fazendo a carne virar uma pasta
por dentro?...(*Grita*) Não, Senhor... É isso?
Afasta
de mim essa idéia, meu Pai... Mas não,
meu Ganga, é pior... Pior, tem razão
Esse é o caminho que o Senhor me aponta
Aí em cima você toma conta
das crianças?... (*Grita*) Não!...
(*Com o grito as crianças aparecem*)
Vêm, meus
filhos, vêm...
(*Os filhos chegam perto; ela abraça os dois*)

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. Gota D'Água. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira Ed., 1982, p.89 e 90.

JOANA

O pai e a filha vão colher a tempestade
A ira dos centauros e de pomba-gira
levará seus corpos a crepitar na pira
e suas almas  a vagar na eternidade
Os dois vão pagar o resgate dos meus ais
Para tanto invoco o testemunho de Deus,
a justiça de Têmis e a benção dos céus,
os cavalos de São Jorge e seus marechais,
Hécate, feiticeira das encruzilhadas,
padroeira da magia, deusa-demônia,
falange de ogum, sintagmas da Macedônia,
suas duzentas e cinqüenta e seis espadas,
mago negro das trevas, flecha incendiária,
Lambrego, Canheta, Tinhoso, Nunca-visto,
fazei desta fiel serva de Jesus Cristo
de todas as criaturas a mais sanguinária
Você, Salamandra, vai chegar sua vez
Oxumaré de acordo com mãe Afrodite
vão preparar um filtro que lhe dá cistite,
corrimento, sífilis, cancro e frigidez
Eu quero ver sua vida passada a limpo,
Creonte. Conto co'a Virgem e o Padre Eterno,
todos os santos, anjos do céu e do inferno,
eu conto com todos os orixás do Olimpo!
(*Encerra-se a ventania e retorna a melodia do Paó*)
Saravá!

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. Gota D'Água. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira Ed., 1982, p.96 e 97.

CREONTE

Pois vai ter que querer
porque eu já não posso mais conceber
que essa mulher fique abrindo o berreiro
contra mim, nas esquinas, no terreiro,
me esculhambando. Em tudo quanto é beco,
boteco, bilhar, eu escuto o eco
da voz dela me chamando de ladrão,
explorador, capitalista, cão,
botando os santos dela contra mim...
Eu vou deixar que ela me trate assim?
É justo que o crente tenha seu culto,
mas que reze oração e não insulto
Não, religião é religião,
isso pra mim se chama agitação
Agora, você veja, tem noventa
apartamentos ali. Mais de oitenta
estão atrasados. A maioria,
é, quase todos, ninguém paga em dia
E eu fecho os olhos, relevo, compreendo
Esta mês não pode? Fique devendo
Essa mulher que está me destratando
também não paga sabe desde quando?
E sai à rua pra me esculhambar
Outros se juntam pra não me pagar...
São ou não são ingratos, meu rapaz?
São ingratos, sim senhor, e tem mais:
este teu povo é porco, relaxado
Aquilo lá é imundo, mal cuidado
Furam parede, tapam a janela,
dependuram roupa, feito favela
Ninguém lá faz benfeitoria,
só fazem filhos e feitiçaria
Então, Jasão, que é que você me diz?

*Jasão, cabeça baixa não responde*

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

AZEVEDO, Arthur. O Tribofe. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p.124 e 125.

QUINOTA

_ Não creia em libras esterlinas compradas a dez tostões. Desagradam-me, confesso, esses visíveis esforços que o senhor faz para iludir os outros. O melhor partido que o senhor tem a tomar... e olhe que este é o conselho de sua noiva, isto é, da pessoa que mais o estima neste mundo... O melhor partido que o senhor tem a tomar é abrir-se com papai, e ir conosco para a fazenda, onde não lhe faltará ocupação. Papai precisa muito associar-se a um moço inteligente, nas suas condições. Sacrifique à sua tranqüilidade o Encilhamento, as caleças, os passeios, os hotéis, os teatros, os clubs e as mulheres fáceis; case-se, faça-se agricultor, e sua esposa, que não será exigente e terá muito bom senso, todos os anos lhe dará licença para vir matar saudades daquilo a que o senhor chama o micróbio da pândega.

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

CASTRO, Consuelo de. Prova de Fogo, In: Urgência e Ruptura. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1989, p.113.

PAULO:

Torturaram sim. Não sei o que fizeram com ela. Sei que foi torturada. Não sei se arrancaram as unhas dela, se deram choque elétrico (*Nervosíssimo, cheio do interrogatório do pessoal*), se espancaram... sei que foi torturada. E abortou. (*Zé cobre a cabeça, contorce-se, aflito, cheio de ódio*) Teve uma violenta hemorragia. Quando eu saí de lá ela estava passando muito mal. Custei a conseguir esta informação sobre ela, na enfermaria. Ela perdeu sangue à beça. Por isto eles disseram que ela não escapa. Mas quando eu saí de lá ela não tinha morrido ainda. Não fiquei sabendo de mais nada.

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

CASTRO, Consuelo de. À Flor da Pele, In: Urgência e Ruptura. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1989, p.141.

VERÔNICA:

Pode ser, como não pode ser.Ninguém pode prever o dia de amanhã. Hoje eu não tenho a mínima vontade de fumar maconha, de me matar, de jogar dinamite ... Amanhã, sabe-se lá. Eu posso amanhecer furiosa e então... Fumo maconha, mato, jogo dinamite... (*Faz beicinho*) Sabe-se lá ... Nada é tão previsível quanto você pensa ... (*Pausa longa. Ela não está mais apavorada. Vai até ele abraça-o*) Assim como agora me deu vontade de fazer as pazes... Vê? Agora há pouco eu estava com medo de você me bater... agora não estou mais... (*Beija-o com força no peito*) Olha ... o teu peito é tão gostoso de deitar ...(*Aconchega-se carinhosa*) Passou toda a minha raiva ... (*Oferece a boca*) Me beija? (*Ele não beija. Parece frio e indiferente*) Marcelo, você não vai me beijar?

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

CASTRO, Consuelo de. À Flor da Pele, In: Urgência e Ruptura. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1989, p.172.

VERÔNICA:

Foi isso. (*Atrapalhando-se*) Depois do porre o pessoal me levou pra casa. Eu fui carregada. Você já sabe. Mas o fato é que o aristocrata do meu pai estava lá na porta na hora que eu cheguei. Eram 7 da matina. O velho começou a me encher. Eu comecei a quebrar tudo que ia encontrando pela frente. Quebrei abajur, bibelô, o diabo. (*Extasia-se morbidamente com a façanha*) Ele corria atrás de mim feito louco. (*Ri*) E eu quebrando tudo. Ele correndo e eu quebrando. Divino-Maravilhoso. Digno de um filme. Pensou? (*Imita a voz do locutor da "Pelmex"*) Una película de la Pelmex! Tragan sus hijos. El padre sanguinario y la hija desastrada!". O velho queria me pegar de bofetão. QUERIA não. Pegou. E se vingou. Coitado, vingou mesmo. Depois que eu tinha destruído a casa toda, e feito aquela cagada geral, papai me pegou acendendo um fósforo na roupa suja, no banheiro. Estava tudo amontoado dentro de um cesto. (*Às gargalhadas, ela finge acender um fósforo. Ela imita a si mesma, totalmente debochada*) No que eu ia acender o fósforo, ele me pegou. Marcelo, foi porrada em cima de porrada.

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

CASTRO, Consuelo de. À Flor da Pele, In: Urgência e Ruptura. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1989, p.177

MARCELO:

(*Sorrindo*) Esta falência só existe na tua cabeça. (*Marcelo de repente percebe que Verônica está distante, e resolve doutriná-la. Agarra-a pela mão, docemente, paternalmente, e a faz sentar-se próxima à cama. Ela senta, olhando-o sempre debochadíssima. Ele começa a falar dolorosamente paternal, tentando convencê-la*) Verônica. Preste atenção, 500 mil anos atrás, éramos uns antropóides. Uns macacos apavorados. Com medo de chuva, trovoada, o diabo. Vivíamos nas árvores, de galho em galho. (*Parece ter pena da espécie humana*). Você não pode negar uma evidência destas. 500 mil anos atas nós rastejávamos pelo planeta, Verônica! O homem construiu a arte, a ciência, a tecnologia ! (*Olhando-a que ri*) Eu sei, eu sei... ainda há muita miséria no mundo. Eu sei. Há Biafra, Vietnã. Eu sei. Mas eu sei também que o homem é fundamentalmente bom. E até o capitalismo é um avanço, comparado com o sistema feudal. (*Ela ri mais alto ainda*) O Homem criou a Capela Sixtina a 9ª Sinfonia, a Revolução Industrial. O Homem criou a imprensa. (*Ela ri, ele se exaspera*) Eu creio em mim porque eu creio no Homem! E sei que no futuro, se ele usar a consciência, atingirá a culminância. Será uma síntese de Aristóteles, Goethe e Marx. (*Verônica ri ainda. Ele levanta da cama e aponta as coisas da casa, desesperado, vendo se comove Verônica*) Isto é progresso! Chegar onde chegamos! O que é para você a civilização, hein, hein? (*Desafiador*).

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

GUARNIERI, Gianfrancesco. A semente. Massao Ohno Editora, p.36

MULHER

_ Eu disse prá Faustina me explicá os negócio da casa. Mas ela nada, só quer tudo na cama. Comida, tudo... E a gente que se arranje... Cuidado aí, moça, o corrimão tá solto! Chi! Faustina não gosta de criança pequena em casa... Eu acho que vocês vão ter de se mudar logo! (*Mostrando a vaga, estreita, caminha de solteiro a um canto*) Pronto. E' aqui. O que se podia arrumá. Afinal de contas, hoje em dia, não se encontra lugar nenhum por êsse preço. Se quisé cama de casal é só comprá. A gente dá um jeito de cabê... Bom, tá entregue. E pouco barulho, hein? Cozinha e banheiro é lá embaixo!... Deixa eu trabalhar. (*Descendo, enquanto o casal olha desconsoladamente o cômodo*) Eu disse prá Faustina que não dava eu tomá conta de tudo. Fico nervosa, eu! Fico nervosa! São 70 anos! 70 anos nas costas e subo e desço escada, que nem mocinha. Subo e desço. Setenta anos!...

(*Desaparece*)

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

GUARNIERI, Gianfrancesco. A semente. Massao Ohno Editora, p.73.

AGILEU

_ (*Exaltando-se como nunca*). O que Rosa disse é mentira! Mentira pôdre, imunda... Nem pode ser Rosa que disse ... Êsse sim é problema meu. Que o que Rosa disse ofenda a mim e me arrebente é ainda de se aceitar, mas que faça que vocês duvidem de uma coisa maior do que eu, maior do que nós todos juntos!... Não! Nem que seja prá acabar com Rosa. Nem que seja prá acabar com ela que eu nunca conheci, tão diferente... tão...Ah, menino, que você quase me pega... Mas não vamos fugir do ponto: se você tiver um pouco de honestidade deve saber que nada do que disse justifica fugir das lutas dos teus companheiros...

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

GUARNIERI, Gianfrancesco. A semente. Massao Ohno Editora, p.101.

AGILEU

_ (*Que já o dominou, segurando-lhe o braço*). Calma, meu rapaz... meu companheiro... calma, minha criança. Não diz mais assim. Era prá nosso bem, de todos... Não fala mais isso! Minha criança, a luta é dura! Às vezes a gente enfraquece mesmo e tende para largar tudo, como uma cachoeira imensa que leva a gente... Minha criança... juro, se eu pudesse arrancava e passava prá mim todo êsse sofrimento... e se fôsse de fato solução ou alívio para tua dor, que é nossa, minha, do mundo, eu deixaria que ... ah! Estou ficando velho, companheiros! Não, não cheguem perto dêle...

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

SOUZA, Naum Alves de. No natal a gente vem te buscar. São Paulo, SP, MG Editores, 1983, p.63 e 64.

PRIMO:

Estou morrendo de sono mas sei que não vou conseguir dormir... Estou morrendo de vontade de fazer xixi mas a luz está apagada. Tenho medo de levantar e passar pela sala, perto do caixãozinho... Tenho medo de gente morta, mesmo que seja o meu irmãozinho. Se eu acender a luz eles vão acordar. Vai acordar todo mundo ... Vão ficar bravos comigo. Por que o meu pai e minha mãe não estão aqui comigo? Eu não sei nem se posso ir onde eles estão... Não pode ser verdade que minha mãe vai morrer e que meu pai não gosta de mim... E que ele não gosta de minha mãe.. Eles devem estar muito tristes por causa do meu irmãozinho. Não agüento mais de sono. Por que eu não durmo, acordo, e tudo está diferente e não é mais nada disso?

**LEITURA À PRIMEIRA VISTA DE UM TEXTO DRAMÁTICO**

STRINDBERG. O Sonho. Lisboa, Portugal:Editora Estampa, 1978, p.141 e 142.

O CEGO

Não vejo mas ouço. Ouço a âncora que se solta do fundo lodoso como o anzol que se arranca do peixe, arrancando-lhe, assim, o coração!... Meu filho... o meu único filho embarca para regiões distantes e só posso acompanhar em pensamento... Ouço a corrente que range... e também... qualquer coisa que bate ao vento como roupa a secar na corda ... talvez seja lenços molhados de lágrimas...Ouço ruídos... como se fosse a respiração ofegante de pessoas a chorar... Não sei se são as ondas a bater no costado do navio ou se são as jovens da praia... as jovens abandonadas... inconsoláveis... Perguntei um dia a uma criança porque é que o mar era salgado e ela, cujo pai era marinheiro de longo curso, respondeu-me: “É por causa das lágrimas da gente que anda no mar.” E porque é que essas pessoas choram tanto?...” Porque são constantemente obrigadas a partir – disse-me ela – e é por isso que põem todos os dias os lenços a secar no alto dos mastros...” E porque é que os homens choram quando têm algum desgosto?... Para que tenham os óculos lavados de vez em quando... e possam, assim, ver mais claro...